

Paula Rodrigues, 2005, *Vidas na Mina. Memórias, Percursos e Identidades*, Oeiras, Celta Editora.

Por Isabel Guerra

O livro de Paula Rodrigues é talvez o livro mais interessante para a discussão do objecto da sociologia urbana que desde sempre se interrogou sobre a relação entre o espaço e os modos de vida dos habitantes. Esta relação complexa e interactiva adquire um colorido inédito no estudo da estrutura e modos de vida da comunidade mineira do Lousal em Grândola.

A situação geográfica das Minas do Lousal (como de muitas outras situações mineiras) configura um espaço próprio e singular que funcionou como uma “ilha” em larga medida isolada de todo um contexto social envolvente, o que permitiu uma imbricação de elementos que foram objecto de atenção e estruturaram o trabalho da autora. Era por um lado, a íntima articulação entre a vida do trabalho e a vida fora dele, a permeabilidade entre as relações e hierarquias laborais e as interacções sociais já no espaço da “vila”, a contínua sobreposição dos espaços e lógicas sociais conscientemente pretendida pelo comando da empresa, etc. Sensível a estes elementos, a pesquisa realizada pretende exactamente fugir a uma série de dicotomias tradicionais na análise sociológica: a relação entre trabalho e casa, entre espaço e modos de vida, entre relações sociais e interacções sociais, etc., recorrendo a uma metodologia “antropo-socio-histórica” largamente baseada na observação que permitiu um entendimento profundo das “memórias, vidas e identidades” dos habitantes do Lousal, muito especialmente dos “mineiros de fundo”.

Mas, em larga medida o interesse do trabalho reside no seu centramento nalgumas das interrogações mais profundas dessa sociologia urbana: até que ponto as relações sociais se espelham no espaço e concomitantemente de que forma o espaço influencia os modos de vida? A investigação sobre as Minas do Lousal demonstra essa íntima relação nos dois sentido.

As Minas do Lousal são disso um exemplo interessantíssimo – pela quase linearidade da forma como se materializaram geograficamente as distâncias sociais e como estas são vividas em

consonância com essa mesma hierarquia. A forma urbanística das Minas, a distanciação pensada de cada elemento urbano aos centros de poder da Mina, a estruturação da relação entre os diferentes tipos de habitat, a sua localização diferencial e hierárquica, a diferencial qualidade das habitações, etc., são elementos espaciais marcantes dessa interacção entre espaço e estrutura social. Os discursos dos trabalhadores das Minas trazem-nos ainda os *efeitos autónomos* produzidos por este espaço assim estruturado, desvendando as profundas hierarquias escondidas que configuram distintos contextos de socialização e de poder e que são fisicamente menos visíveis. É por um lado, a proximidade física dos locais de trabalho e de residência como uma estratégia funcional da empresa para poder ter, em qualquer momento, a disponibilidade dos trabalhadores, mas também a “posse” das suas vidas privadas sujeitas agora ao ganha-pão do ordenado mas também ao tecto da empresa. Os diferentes tipos de casa emergem como factores de distinção e de promoção socioprofissional, mais “prémio” do comportamento laboral do que estratégia de mobilidade familiar.

É, por outro lado, a materialização de hierarquias várias, laborais – estruturadas na clara pirâmide que vai dos mineiros de fundo, aos da superfície, capatazes, pessoal escritório, e administração – mas também hierarquias de género, de idade, entre os trabalhadores “bons” e os “desordeiros”, etc., que misturando vida privada e trabalho retiram a todos – e a cada um – qualquer intimidade e/ou veleidade pessoal, encerrando-os num círculo de reprodução social e de destino fatal só quebrado pelo fecho das Minas, também ele exterior à sua vontade.

Mas é ainda, a capacidade que tem este mini-sistema social, funcionando como sistema quase fechado, de organizar as diferentes instâncias societárias a favor da empresa. No Lousal são as relações de produção que estruturam não apenas as formas de organização do território mas também condicionam as interacções e as relações sociais locais e até as relações políticas. Elas organizam o

próprio espaço de lazer ofertando o espaço da colectividade, os locais de consumo quotidiano, os equipamentos sociais, etc., mas encontra-se também a dimensão política das relações de produção: a empresa paga e aloja a polícia.

O que parece fundamentar os discursos recolhidos é esse sentimento de aceitação contrariada que se justifica pela ausência de alternativas e que estrutura a memória e a identidade local. Encurralados numa “ilha geográfica”, sujeitos a uma

estrutura social “total”, aceitam a inevitabilidade da sua situação de mineiros.

Como interrogo no prefácio desse livro: Haverá espaços e momentos de libertação? Poderá o sistema social e os espaços estarem em tal sintonia que as rupturas não são possíveis? O trabalho realizado não explora a revolta, a fuga a esse destino, mas ele pressente-se nalgumas narrações, motivado mais pelo medo da morte no fundo da mina do que pela recusa à tirania do sistema social.

Flávio Paiva, 2004, *História de vida de um emigrante açoriano: chegadas ao estudo da grande emigração dos Açores para o Canadá (1953-1957)*, Ribeira Grande, Narrativa Antropológica

Por Isabel Guerra

Em primeiro lugar quero agradecer ao Flávio Paiva este convite para comentar o livro que escreveu o que muito me honra. Outros comentarão melhor do que eu a “personalidade” do Flávio mas tenho para mim que este livro corresponde, em larga medida, à cultura e formas de estar que estruturou o seu modo de estar na vida: simples, profundo, despretenso, sensível e crítico.

Porque só uma pessoa assim conseguiria produzir esta “história de vida de um emigrante açoriano”. Aparentemente simples e descritiva, esta narração está repleta de pormenores entrelaçados que manifestam não apenas o conhecimento profundo do povo açoriano pelo autor, mas também uma pesquisa que eu imagino muito trabalhosa, intensa, analítica, de pormenor, de relação entre as coisas.

Podem achar que é elogio a mais, mas eu que leio muito, raramente vi uma tecedura da vida quotidiana com tal impressionismo, veracidade e objectividade. Nós, sociólogos, não conseguimos fazer este trabalho pois desprezamos em larga medida as pessoas para valorizarmos os fenómenos sociais e assim trabalhamos categorias abstractas. Quando uma certa sociologia compreensiva pretende trabalhar os sujeitos e nomeadamente narrar histórias de vida individuais, geralmente sai uma

história lamechas, jornalística e mal documentada – devo confessar que a antropologia tem bastante mais treino e capacidade e o livro tem como subtítulo “narrativa antropológica” recorrendo pois à tradição da antropologia o que lhe deu uma mais-valia evidente.

Gostaria de tecer três comentários sobre o valor heurístico deste tipo de trabalho. Em primeiro lugar, o valor científico da descrição. A maior parte dos cientistas sociais acha que descrever não é preciso, pois o que interessa é “explicar” ou “interpretar”, e critica trabalhos deste tipo que apelida de “descritivos” e de “repetição” do já dito. Ora eu tenho para mim que há um abuso nesta posição pois muitos de nós partem de pressupostos sobre o que existe sem conhecerem, tanto mais que trabalhamos sobre objectos muito diversificados e sobre os quais não dominamos a informação. Assim trabalhamos sobre um pretenso conhecimento da realidade. Considero, pois, que trabalhos que descrevem o que se passa, mesmo sem intenções de “explicação” ou “generalização” são indispensáveis e fundamentais. O conhecimento procede-se por etapas e o conhecimento descritivo precede o conhecimento interpretativo. O processo de conhecimento oscila entre uma análise detalhada

das práticas sociais e o movimento de totalização da realidade que permite ir acumulando conhecimentos.

Um segundo elemento de reflexão relaciona-se com as potencialidades deste tipo de narrativas nomeadamente a relação entre os factos e os sentimentos. É, do meu ponto de vista, o aspecto em que posso apontar alguma expectativa gorada face ao livro em apreço. A ciência sabe mal lidar com sentimentos e no entanto quando estamos perante a vida quotidiana, estamos perante os factos e a emoção que os acompanha e muitas vezes a relação entre sentimentos e realidades é contraditória – e quando isso acontece os sentimentos são geralmente mais verdadeiros. Por exemplo, quando alguém decide emigrar fá-lo com a excitação que lhe advém da convicção que essa é a decisão certa, mas fá-lo com a tristeza de deixar a sua terra e os seus entes queridos. Ora, uma das virtualidades das histórias de vida, é exactamente dar-nos conta da razão mas também da emoção que a vida quotidiana contém. O Flávio Paiva defende-se todo o tempo de dar conta dessas emoções, controlando o discurso e tornando-o tão objectivo quanto possível. Do meu ponto de vista é pena, pois tenho a certeza de que seria sociologicamente pertinente ouvir os seus entrevistados nas suas alegrias e tristezas, nas suas expectativas e desânimos, na sua avaliação do seu percurso. Porque terá sido? O que terá levado a esse controlo dos sentimentos que acompanham a vida quotidiana?

Que valor científico pode ter uma só história de vida? Qual o valor da história da emigração de José Furtado para a emigração açoriana? É um tema interessante que daria uma discussão acesa, tal a diversidade e a contradição entre os defensores e opositores de metodologias deste tipo. Por detrás dessa discussão está uma determinada concepção da ciência mas também do sujeito social que de vítima se torna actor e que é o verdadeiro protagonista da mudança social. Dito de outra forma, o mundo que temos, está cá porque o herdámos – mas não temos de o suportar eternamente – somos nós – os actuais viventes – que o poderemos transformar. Isto dá-nos uma responsabilidade acrescida pois não somos meros resultados de estruturas

sociais onnipotentes, mas somos actores da história. Sempre me chamou a atenção os movimentos migratórios porque eles são o triunfo do sujeito sobre a onnipresença das estruturas. Como poderiam os açorianos mudar as estruturas fixas e esmagadoras da sociedade açoriana de princípios do século? O triunfo do sujeito foi exactamente esse acto, simultaneamente doloroso e libertador, de recusa da pobreza, de um destino fatal para si e para os seus filhos – e emigrar. Acto individual de recusa de um sistema estratificado e que deixava poucas alternativas – tornado colectivo pela agregação de tantas decisões. José Furtado – mas todos os outros – contaram com o único capital que tinham, o capital social que lhe advinha de uma fileira migratória de açorianos para o Canadá e outros países.

O valor dessa história de vida não é ter “representatividade”, não estamos à procura de representatividades estatísticas mas de representatividade social. A história de vida de José Furtado é a de muitos outros e o conhecimento que advém dela é ser, como diz Ferraroti, a “síntese activa” de um conjunto social.

Concebe-se assim, a ciência como um acumular de conhecimentos, parcelares, provisórios que vão pintando, na construção de um puzzle complexo, os inúmeros esforços individuais, anónimos, insidiosos, que estruturam a mudança social colectiva.

Se a finalidade de uma pesquisa sociológica é a produção da ciência entendida como a compreensão das dinâmicas sociais – através da elaboração de um conjunto de “categorias” (chamamos-lhe conceitos), mas também de “propriedades” e de “relações” (também chamadas hipóteses) destinadas a entender os comportamentos humanos – através da “história de vida de um emigrante açoriano” ficamos a perceber mais desse fenómeno já longo da emigração dos açorianos.

Sem pretensões, mas com objectividade, profundidade e intensidade – Flávio Paiva deu-nos uma das peças desse puzzle e ficamos todos mais sabedores desses fluxos migratórios mas também mais próximos uns dos outros pois reconhecemo-nos nessa história colectiva gerada por uma miríade de decisões individuais.